

ENTREVISTA DE DOMINGO Erasmu Gonçalves

Memórias do futebol e do Clube XV

CARLA OLIVO

Os tempos áureos do futebol mogiano são recontados nas fotografias expostas em murais no restaurante Clube XV, no Mogi Moderno. Ali, Erasmu Gonçalves, que iniciou carreira aos 14 anos no Comercial e também jogou no União, Vila Santista, São João, Pedra Santa e 1º de Setembro, guarda na memória estas histórias. Nascido em Ipaussu, no Interior do Estado de São Paulo, ele chegou a Mogi das Cruzes aos 10 anos, com os pais, o barbeiro Cecílio

Gonçalves e a dona de casa Madalena Bacin Luiza Gonçalves. Começou a engraxar sapatos na antiga rodoviária (Praça Firmina Santana), onde o pai tinha o Salão Marabá, e a carregar malas de viajantes e de vendedores que vinham para cá trazendo produtos de mostruário para oferecer aos comerciantes da Cidade. Ingressou no curso de Mecânica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e na Mineração Geral do Brasil. Também trabalhou na Suzano Papel e Celulose; em uma fábrica de rolimã da Rua Dr. Ricardo Vilela;

e na Vulcan, até que aos 17 anos se tornou comerciante. Comandou o Bar do Erasmo, no antigo Largo 1º de Setembro (Francisco Ribeiro Nogueira), outro estabelecimento na Rua Campos Salles e o Manjaré, na Flaviano de Melo. Em 1982, montou o Clube XV, que teve o nome inspirado em um time de futebol de salão, onde começou servindo canjas na madrugada e depois passou a se especializar em picanha grelhada. Na entrevista a **O Diário**, ele compartilha as histórias vividas em Mogi com os leitores:

Como foi sua infância?

Nasci em Ipaussu, de onde saí aos 10 anos, quando meus pais (Cecílio Gonçalves e Madalena Bacin Luiza Gonçalves) se mudaram para Mogi das Cruzes. Sou o mais velho dos filhos (Erasmu, Dinho, Eraldo, Edson e Edeldo). Viemos morar no Mogi Moderno, em um terreno grande, na região considerada longe do Centro da Cidade, já que ele praticamente acabava na Rua Ipiranga. Vínhamos para cá a pé, pela Estrada da Capela (hoje Mogi-Bertioga), quando nem se pensava em ônibus. As ruas do Bairro eram de terra e na época de chuva nem mesmo os carros de bois subiam, não havia energia elétrica e água encanada. Em casa, tínhamos poço, criação de galinhas e porco engordando, fogão à lenha, com chouriço no fumeiro, e como não havia geladeira, a carne era conservada em latas cheias de gordura. No quintal, como a maioria das famílias, mantínhamos uma horta, além de bananeira e pé de laranja e limão.

Ficaram mais lembranças desta região da Cidade?

Era só mato e pasto para todos os lados e não tínhamos nem vizinhos. Depois é que começaram os loteamentos e muita gente de fora comprou terrenos aqui, alguns até sem a intenção de construir, mas hoje não há mais áreas livres e temos tudo por perto, mercados, postos de saúde, lojas, escolas. Antes não havia nada por aqui e para comprar algo precisávamos ir ao Mercadão, onde comia o tortinho na barraca do Vicente, além de doces cristalizados e geleia de mocotó. Vinha muita gente de outras cidades, inclusive de São Paulo, só para comprar estes produtos no Mercado Municipal. Um amigo meu, que trabalhava na Capital, levava encomendas todas as semanas para o pessoal do serviço, que gostava destes doces vendidos no Mercadão de Mogi. Antigamente, tudo era mais difícil e até para falar ao telefone precisávamos pedir para a telefonista fazer a ligação e ficar esperando até mais de 5 horas, dependendo da distância, sem poder sair de casa enquanto a ligação não fosse completada. Agora, temos celular e as pessoas se falam até pela internet.

Por que a família veio para Mogi?

Meu pai veio para trabalhar como barbeiro. Ele teve o Salão Marabá, na antiga Rodoviária (Praça Firmina Santana) onde, com uma caixinha, passei a engraxar sapatos e a carregar malas de viajantes e vendedores que vinham para cá trazendo produtos de mostruários para oferecer aos comerciantes da Cidade. As bolsas geralmente tinham tecidos e ferragens, por isso, eram muito pesadas, mas nós ganhávamos o dia assim. Na maioria das vezes, esse pessoal ficava hospedado nos hotéis Jardim ou Marabá.

O que mais havia nesta região?

Como ainda não existia a Mogi-Dutra, todo o movimento se concentrava na SP-66, que trazia o fluxo de São Paulo até a rodoviária, seguindo pela Rua Dr. Deodato (Wertheimer) e Avenida Francisco Rodrigues Filho. Na região da rodoviária havia o Cine Urupema; a loja A Triunfante, que ainda era pequena e ficava ao lado do cinema; um grande terreno baldio onde o Carlos Honório fez um sobrado que até hoje funciona como hotel; o bar da rodoviária; agências de ônibus como a Pássaro Marron; o Bazar Rodoviário, do seu Agostinho Souto, que hoje está sob o comando de seu filho; o Bar Simpatia, do João Ladrão; e o posto de gasolina do Mário Callandra. Do outro lado, na Avenida (Voluntário Fernando



RECORDAÇÃO Erasmu Gonçalves relembra histórias do futebol, quando a rivalidade entre os clubes era intensa, e do comércio

Pinheiro Franco) ficava outro posto, do José Maria, que tinha uma máquina de exibir filmes e como ele a levava aos bairros eu, às vezes, o acompanhava. Ainda por perto havia o Bar Americano, do Néri Faria; o Bar e Restaurante Avenida; e na Dr. Deodato ficavam o Restaurante Antarctica; a Cantina Mogiana; o Bar do Lanche; o Bar da Gruta; a Farmácia Umeoka; o Bar e Bilhar Glória; a Tabacaria, onde também funcionava uma engraxataria; e o Bar Royal.

Onde o senhor estudou?

Fiz o primário no Interior do Estado, onde nasci. Em Mogi, aos 12 anos, comecei o curso de Mecânica no Senai. Naquele tempo, só se ouvia falar em mecânica de autos, mas na escola conhecemos o torno e ferramentarias. Como o Senai tinha convênio com a Mineração Geral do Brasil (MGB), ficávamos três dias na escola e outros três na fábrica, onde fazíamos as aulas práticas. Mas não terminei o curso porque a Companhia Suzano (hoje Suzano Papel e Celulose) estava começando e fui para lá, onde fiquei um ano no setor de montagem. Depois, trabalhei na fábrica de rolimã do Oscar Klein, na Rua Dr. Ricardo Vilela, passei pela Vulcan, na Mogi-Bertioga e, aos 17 anos, resolvi mudar de profissão.

O que o senhor decidiu fazer?

Fui ajudar meu pai. Nesta época, além da rodoviária, ele tinha o Salão Gonçalves, na Rua Senador Dantas, e eu fiquei neste último. Quando chegou a época do serviço militar, fui servir a Aeronáutica em Cumbica, na Capital, mas nunca tive intenção de seguir carreira. Ao final deste período, voltei a Mogi e trabalhei vendendo alguns produtos até que assumi o bar que meu pai tinha arrendado para um amigo, no Largo 1º de Setembro (Francisco Ribeiro Nogueira), em frente à antiga Maternidade Mãe Pobre (hoje Hospital Mogi D'or). Naquele ponto funcionou durante muitos anos o Bar do Erasmo, que tinha bom movimento, na época em que por ali ainda havia a biqui-

na, onde as pessoas costumavam buscar água. Depois ainda tive outro bar na Campos Salles e o Manjaré, na Flaviano de Melo. Em 1982, montei o Clube XV, na mesma rua, que primeiramente funcionou como bar, servindo aperitivos, e logo virou restaurante.

Por que o nome Clube XV?

Montamos um time de futebol de salão, formado por um grupo de amigos, e colocamos o nome de Clube XV. Como foi na mesma época do bar, ele também ficou conhecido assim. Os restaurantes da Cidade, como o Morumbi, Sorrento, Lima's, Antarctica e o do Pinhal fechavam à meia-noite e só o Bar Avenida e o Restaurante Simões, em Braz Cubas, ficavam aberto durante a madrugada. Então, passei a fazer canjas para servir o pessoal neste período, principalmente aqueles que voltavam dos bailes do Itapeti Clube, Náutico, Vila Santista, União e, mais tarde, do Clube de Campo. No Carnaval, o movimento era ainda maior. Quando comecei a servir refeições, já incluí a picanha grelhada, acompanhada de arroz, feijão, farofa, salada e batata. O Clube XV virou ponto de encontro de vários mogianos na madrugada. Mas era um tempo diferente, em que não havia tanta violência e todos se conheciam. Hoje não posso mais abrir até este horário por conta da falta de segurança e fecho o restaurante por volta das 23 horas.

Há clientes que o acompanham desde o início do restaurante?

Hoje estou atendendo a terceira geração dos primeiros clientes, que no passado vinham com os filhos e hoje trazem os netos. Políticos como o Boy (Valdemar Costa Neto, ex-deputado federal) e Junji (Abe, ex-prefeito e atual deputado federal), frequentaram a casa. O Machado (Antônio Carlos Machado Teixeira) também já esteve aqui, assim como o empresário Júlio Simões. Como os amigos sempre traziam fotografias dos bons tempos do futebol mogiano, montei painéis nas paredes, que são observados pelos clientes. Sempre aparecem amigos que vêm aqui bater papo e acabamos relembando estas histórias.

E seu envolvimento com o futebol?

Começou aos 14 anos, no time infantil do Comercial, que era chamado de Figueirão por causa de duas figueiras enormes que havia perto do campo. Depois, continuei no juvenil e joguei ao lado de Tartaruga, Cunha, João Português, Nelsinho Franco, Loleca, Geraldo Bodinho, João Fada e Jair Vareta, quando o técnico era o Zé Pedro. Chegava lá pela manhã e ajudava a marcar o campo. Era o tempo em que pagávamos recibo para jogar a fim de ajudar nas despesas de lavagem do uniforme, entre outras. Fiquei lá até os 16 anos, jogando como meio volante e lateral direito.

Em quais outros times o senhor jogou?

Também fiz parte do União, com o técnico Gaúcho e o time formado pelo goleiro Laércio e os jogadores Mesquita, Cunhó, Juca Paco, Davino, Ferinha, Miragaia, Miltão, Mala, Baiano, entre outros. Chegamos a campeões do amador, em disputas que abrangiam toda a região, desde Itaquá até o Vale do Paraíba. A rivalidade maior era com o Vila Santista, não só durante os jogos, mas também por toda a Cidade. Quem era de um bairro torcia para um time. Quem era do outro, se tornava adversário. Depois fui para o Vila, quando jogavam Peru (José Pieruccetti), Edson Barão, Arnaldo, Hugo, Lindo, Airton, Pelota, Caetano, Filadelfo, Congo, Sebastião, Gordo, Chispa e Cecília. Vários técnicos passaram por lá, como Alfredo Nahum e José de Moura Santos. O Lima, do Palmeiras, também jogou no time e foi técnico. Nesta época, o Gordo, que era do Vila, me deu o apelido de Erasmu Mamangava, durante uma briga entre torcedores do Vila e do União, no Bar Cruzeiro, quando dei uma dentada no braço de um rapaz. Depois que me casei e por causa do bar, que ocupava muito meu tempo, fiquei jogando apenas no São João e no Pedra Santa, e ainda dirigi o 1º de Setembro. Também acompanhei algumas partidas no XI da

PERFIL

NOME: ERASMO GONÇALVES
IDADE: 78 ANOS
NASCIMENTO: IPAUSSU (SP)
ESTADO CIVIL: CASADO HÁ 52 ANOS COM MARIA BENEDITA GONÇALVES, A NENA
FILHOS: LUIZ ROBERTO (CASADO COM CLARA APARECIDA), ANA LÚCIA, PAULO HENRIQUE (MARIDO DE ALESSANDRA) E ANA PAULA
NETOS: TATIANE, THIAGO, FELIPE, JOÃO VITOR (FALECIDO), MARIA BEATRIZ, ANTONIO CARLOS JR., OTÁVIO E MAURA
BISNETOS: JOÃO PEDRO E LUIZ FELIPE
FORMAÇÃO: GINASIAL INCOMPLETO
TRABALHO: COMERCIANTE

Saudade, que trazia veteranos famosos para a Cidade.

Há mais lembranças da Mogi das Cruzes de antigamente?

No passado, Mogi era uma cidade muito boa para se viver, bem típica de Interior, tranquila e sem violência. Apesar disso, era próspera e tinha tudo o que precisávamos. Não era necessário sair daqui para fazer compras e o pessoal de toda a Região vinha para cá com esta finalidade. O comércio sempre foi forte, com a Casa São João, a Sucena, a Yague, a Loja de Ferragens São José, na Dr. Deodato, entre outras tradicionais. Às vezes saíam brigas no jardim (Praça Oswaldo Cruz), mas eram só socos e pontapés, nada comparado com os dias de hoje. Foi lá que conheci minha mulher, nos passeios que depois passaram a acontecer na Dr. Deodato. Nós namoramos seis anos e nos casamos na Catedral de Santana. Guardo também recordações da Igreja do Rosário, que ficava no largo de mesmo nome e tinha imagens muito bonitas, mas foi demolida; do Foto Fitipaldi, que também ficava por ali, perto do Banco da Bahia, onde hoje está a loja Marisa. Ainda nesta região ficava a fonte luminosa, onde sempre tinha gente na água durante as comemorações de finais de campeonatos de futebol e no Carnaval.

Ficaram outras recordações?

No Carnaval, saía no bloco Ki-Frio, com os cavalinhos feitos com jacá. O Satio Kitahara sempre fazia alegorias diferentes e desfilávamos pela Dr. Deodato, passando pelo jardim, Rua Braz Cubas e Avenida, fazendo sátiras. Também havia os blocos Ki-Ka-Lôr, Estrela do Sul, entre outros, que eram assistidos pelas famílias, que ficavam nas calçadas. Brincávamos espiando lançaperfume e jogando confetes e serpentinas. Participei ainda da fanfarra da escola de datilografia da dona Astréa (Barral Nébias), tocando surdo e desfilando ao lado da turma do Washington Luís e do Liceu Braz Cubas, nas comemorações do aniversário da Cidade, em 1º de setembro. Usávamos calça azul e camisa branca e lembro que os clubes de futebol também saíam nos desfiles, na Avenida.

Hoje, quais são suas distrações?

Continuo cozinhando e cuidando do preparo de todos os pratos do restaurante. Torço pelo Corinthians, já fui a estádios como Morumbi, Pacaembu e Maracanã, mas hoje acompanho os jogos pela televisão. Hoje, uma das minhas distrações preferidas é receber os netos e bisnetos.